

Vol. 02, **Nº 04** (2025)
ISSN: 2966-0130

REVISTA FIOS DE **LETRAS**

SENHOR FUGITIVO E A CRIANÇA ESTRANHA:
CONTOS SOBRE O AFETO E AS FUGAS POSSÍVEIS

Maria Lizandra Mendes de Sousa (Liz Mendes)

Zuleide Paiva da Silva



editora
UEA



UEA
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DO
AMAZONAS



Senhor fugitivo e a criança estranha: contos sobre o afeto e as fugas possíveis

2

The fugitive man and the strange child: tales of affection and possible escapes

Maria Lizandra Mendes de Sousa (Liz Mendes)¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2812-2101>

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/6751557927239598>

E-mail: eusendoliz@gmail.com

Zuleide Paiva da Silva²

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9395-3561>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3730725605556060>

E-mail: eidepaivasilva@gmail.com

Resumo: Este texto é uma travessia afetiva e política que busca compreender, por meio de subcontos e reflexões teóricas, como as relações entre a criança estranha e o Senhor Fugitivo, seu avô, abrem deslocamentos queer no campo do afeto, da resistência e da criação de si. A problemática que me move é compreender o que pode um afeto quando irrompe no avesso das normatividades familiares, forjando resistências e reinvenções de si nos gestos silenciosos, nas fugas e nas memórias. A metodologia é a escrita-performativa e autoficcional, onde o conto não é apenas estética, mas travessia metodológica e política, permitindo criar espaçotempos insurgentes que tensionam as fronteiras entre ciência, arte, corpo e memória. O referencial teórico se enraíza no pensamento queer por meio das palavras-corpo de Gloria Anzaldúa (2021), Judith Butler (2003), Paul B. Preciado (2017) e José Esteban Muñoz (2009), cujas reflexões sobre fronteiras, performatividade, resistência e utopia queer alimentam esta escrita. Como resultado, mostra os deslocamentos do pensamento queer para o desejo de criar uma epistemologia poéticaerótica sapatão feminista que emerge da errância, da dor e do desejo, inventando uma prática de escrita e de pesquisa que se faz resistência, travessia e convite a outros modos de existir. É preciso reconhecer que a teoria queer, com toda sua potência disruptiva, ainda tropeça quando tenta alcançar as especificidades de certos corpos que, ao longo da vida, foram nomeados como estranhos. A criança estranha não era apenas uma infância fora da norma: era uma criança sapatão.

Palavras-chave: Afeto. Resistência. Errância. Epistemologia sapatão.

Abstract: This text is an affective and political crossing that seeks to think, through sub-stories and theoretical reflections, how the relationship between the strange child and the Fugitive Lord, her grandfather, opens queer displacements in the field of affection, resistance, and self-creation. The question that moves me is to understand what an affect can do when it erupts against the grain of familial normativities, forging resistances and reinventions of the self in silent gestures, in escapes, and in memories. The methodology is performative and autofictional writing, where the story is not merely an aesthetic, but a methodological and political crossing, allowing for the creation of insurgent space-times that strain the boundaries between science, art, body, and memory. The theoretical framework is rooted in queer thought through the body-words of Gloria Anzaldúa (2021), Judith Butler (2003), Paul B. Preciado (2017), and José Esteban Muñoz (2009), whose reflections on borders, performativity, resistance, and queer utopia nourish this writing. As a result, it reveals the displacements of queer thought toward the desire to create a poetic-erotic lesbian-feminist epistemology that emerges from errancy, from pain, and from desire, inventing a practice of writing and research that becomes resistance, crossing, and an invitation to other

¹ Poeta sapatão. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade (PPGED), Campus XIV, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Ativista da Liga Brasileira de Lésbicas e Mulheres Bissexuais (LBL) e da Frente Nacional Lésbicas Desfem.

² Lésbica sapatão feminista. Professora Doutora da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus XIV, e do Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade (PPGED). Ativista da Liga Brasileira de Lésbicas e Mulheres Bissexuais.

ways of existing. It is necessary to recognize that queer theory, with all its disruptive power, still stumbles when it tries to grasp the specificities of certain bodies that, throughout life, have been named as strange. The strange child was not merely a childhood outside the norm: she was a sapatão child.

Keywords: Affection. Resistance. Errancy. Sapatão epistemology.

Convite?

SOB A SOMBRA DE UM CAJUEIRO³ que tanto fez parte de minhas memórias de infância, sentei-me no chão com as pernas abertas, os pés firmes na terra quente. Não precisei fechar os olhos para versentir⁴ a criança que um dia fui; lá estava ela, sentada em um galho bem alto do cajueiro contemplando o horizonte, com as pernas balançando. Busquei a estranheza que tanto diziam que ela possuía, porém só encontrei a ousadia, a coragem e a rebeldia de ser quem se é, mesmo sem saber o que isso de fato significava. Uma criança que dançava com o corpo todo se dizendo no mundo como poeta que brinca de ser livre. Vendosentido ela, voltei a minha direção e, na minha frente, um caderno escancarado mostrava os rabiscos, páginas que rebolavam entre poesias, memórias, sonhos, desejos e teorias.

Segurei com cuidado e denago a caneta azul, como quem segura chaves que abrem as portas desconhecidas, teias de outros caminhos possíveis. O vento que tanto me acompanha e dança forró bem gostoso, com cheiros nos cangotes que arrepiam e deixam o corpo todo mole, carregava o cheiro doce das frutas maduras e de vez, enquanto, ao longe, um som me conduzia para histórias que nunca foram escritas, mas que tanto diziam do meu corpo molhado: sussurros do Rio Parnaíba.

“Quem for me ler deve me dar tempo”, falei, enquanto a caneta deslizava lenta, como se fosse descascar uma manga: salivando pelo corpo todo. “Quem for me ler deve me dar tempo”, repeti. Tempo para que cada linha respire e você expire e inspire junto a ela, para que o silêncio entre uma frase e outra, entre os parágrafos e as páginas possa ecoar como um pulsar que foi instigado distante, mas que, neste exato momento em que me leem, está bem pertinho, sussurrando ventos próximos ao seu ouvido. Tempo para que você, leitora⁵, se perca nas experiências, memórias, ficção e realidade, se esqueça de contar as horas e fuja da lógica, pois é uma leitura de corpo inteiro.

³ Embora o texto esteja escrito em primeira pessoa, é importante destacar que esse movimento não representa uma experiência individual isolada, mas uma construção coletiva, elaborada em diálogo ético, afetivo e teórico entre as autoras.

⁴ Ao longo do texto, você, querida leitora, encontraram muitos neologismos – palavras inventadas e desestabilizadas de seus usos normativos. Tal escolha faz parte de uma política de linguagem: uma aposta rebelde, ousada, coragem e teimosa de na criação e resistência inventiva de uma epistemologia poéticaerótica sapatão feminista, impulsionadas por nós, autoras deste texto-conto. Um gesto de uma estética da diferença, de uma ética do desejo e de uma política do afeto.

⁵ A linguagem é um campo de disputa política. Assim, escolhemos pela feminilização da linguagem como uma ação política insurgente que busca subverter o apagamento das identidades femininas e lésbicas sapatão, reafirmando a presença e potência dos corpos dissidentes nos espaçostempos de conhecimento. Uma

Escrevo como quem sonha, entregando palavras-toques ao vento e às águas, esperando que ganhem asas e fluidez e, assim, em intensidade, alcancem o impossível. Escrevo como quem planta, respeitando o espaçotempo das sementes, a importância de pedir licença à terra e nela confiar o que pode vir a ser, o cuidado com as mãos para tocar com respeito, esperança e denso, sem se esquecer que a colheita depende de um pacto silencioso e esperançoso com o universo. Escrevo como quem deseja, com o coração ofegante, respiração descontrolada e com o querer intenso de tocar o íntimo de quem lê. Escrevo como quem precisa de oxigênio, agarrando a coragem e o pulsar da esperança, pois as palavras me alimentam, são o ar que não desiste de querer com muita vontade viver.

Quem for me ler, sei eu, precisa se jogar na experiência de uma leitura outra, precisa permitir que as palavras penetrem e lambuzem como toques suaves que, com o passar do tempo, ficam cada vez mais fortes e profundos, deixando terreno fértil para o exercício do pensar... precisa abrir as portas do espaçotempo. Porque aqui, neste texto, não existem verdades absolutas, mas fragmentos de um mundo em invenção, sensações molhadas.

“Quem for me ler vai me encontrar,” deixei a caneta continuar se deslizando suavemente, quase sussurrando ao papel. Vai encontrar em mim alguns possíveis insurgentes que escapam daquilo que aprendemos sobre o universo acadêmico, porque a ciência aqui desejada e que ousa sentirfazer é uma ciênciaarte, bordada de invenção, de arte, de memória, de sangue, de carne... de corpo. Vai me encontrar nas dobras, fendas e aberturas – muitas vezes escancaradas sem nenhum pudor – do texto, no espaçotempo entre fronteiras, paisagens, margens e erros, pois aqui as palavras não são imposições, mas sim convites.

“Quem for me ler tem que inventar comigo,” murmurei entre a caneta que continuava deslizando e ao vento que chegou pelas histórias desconhecidas do Rio Parnaíba, balançando a vida. Tem que permitir que as palavras a levem a um mundo outro, possível em meio às impossibilidades, um mundo que não está pronto. Porque o que escrevo é uma porta entreaberta, e quem ousa se permitir passar por ela necessita estar disposta a deixar-se, mesmo sem mapas, mesmo sem destinos, mesmo sem respostas.

Este texto é um convite fragmentado, um convite para atravessar comigo as imposições que nos constroem e nos limitam, de modo, quem sabe, a versentir de uma outra forma as fronteiras, as margens, as passagens e os caminhos. Aqui, as palavras se fazem desejo, travessia, ponte, abismo, revolta, denso, inquietação. Talvez as páginas a convide a abrir o corpo para o que foi silenciado e aniquilado ou a fechar o corpo para

ruptura com a linguagem patriarcal, sexista e heteronormativa. Reapropriando as palavras como um ato político insubmisso para romper com a colonialidade do conhecimento e, em coragem, os corpos sapatão ser agentes de suas próprias histórias, memórias, experiências e saberes.

sonhar-desejar outros mundos. Talvez você encontre nelas espelhos, talvez portas. Minhas memórias, sonhos, desejos, curiosidades, inquietações e invenções percorrem as páginas enquanto escrevo para você, inventando uma epistemologia que pulsa nas margens do rio onde cresci, nos risos das rodas de conversa com doses exageradas de arte que sonhei, nas sombras das árvores que ainda verei crescer. Uma epistemologia que seja nossa na diferença: uma epistemologia poéticaerótica sapatão feminista.

Mas para criar esta epistemologia poéticaerótica sapatão feminista, sou convocada – ou talvez irremediavelmente atraída, nostálgica – a vasculhar algumas memórias que me atravessam – e por que não dizer: me constituem? Memórias de uma infância marcada pela estranheza, onde quase todos, na família e no povoado onde residi, me nomeavam como a “criança estranha”. Todos, menos ele: meu avô, o Senhor Fugitivo. É necessariamente sobre o afeto, resistência e pistas de criação de si que este texto agora se debruça, como quem se inclina sobre a margem.

Assim, movida pela lembrança viva daquele que não me negou afeto e acolheu minha estranheza na infância, este texto é também fruto de uma pesquisa em andamento no âmbito de um mestrado profissional, de um Programa de Pós-Graduação no interior da Bahia, e conta com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB), o que reafirma a relevância de investir em movimentos de pesquisa que não apenas produzam conhecimento, mas que também desafiem os modos hegemônicos de fazer ciência: uma pesquisa que não se fecha aos métodos rígidos; se abre como travessia poética, política, erótica e estética articulando memória, corpo, teoria, prática, arte e movimentos sociais na invenção de uma epistemologia poéticaerótica sapatão feminista.

Com o sorriso largo do Senhor Avô Fugitivo, este texto se baseia no seguinte questionamento: O que pode um afeto, quando surge no avesso das normatividades familiares? Dessa forma, quero compreender, por meio de subcontos e reflexões teóricas, como as relações entre a criança estranha e o avô (Senhor Fugitivo) abrem deslocamentos queer no campo do afeto, da resistência e da criação de si.

Este texto conta, em forma do gênero textual conto, o que se vive, o que se escapa. Contar aqui é criar resistências e mundos possíveis, deixando que a linguagem balance nas fendas, margens, fronteiras, paisagens e bordas de uma pesquisa que performa a sua própria desobediência. O conto é, aqui, uma travessia metodológica: abrir-se frestas e criar rotas de fugas. Afinal, escrevo como quem dança de pés descalços, como quem sobe no cajueiro para escapar das ausências e, assim, encontrar motivos para respirar.

O conto, aqui, não é apenas uma forma estética ou literária, mas uma possibilidade metodológica insurgente, desestabilizando as fronteiras entre ciência, arte, memória e política. Escolho o conto como possibilidade metodológica porque ele permite sussurrar as experiências que não cabem na ciência limpa, higiênica, que se distancia a todo o custo

do corpo e que rejeita os arrepios da arte. Afinal, minha escrita se configura como um rio – ora sereno, ora revoltado – que inventa territórios de existência onde antes só havia ausência e silenciamento.

O conto, neste contexto, se afirma como uma prática metodológica menor (Deleuze e Guattari, 1992), errante e em devaneio, permitindo a errância como forma legítima de produção de saber. Ao narrar memórias, experiências e afetos, os contos que compõem este texto criam espaçotempos de enunciação sapatão, poéticaerótica e feminista, forjando uma epistemologia encarnada, feita de corpo, desejo, luta e resistência. A autoficção (Dobrovsky, 2014) que se dá forma nos contos é, portanto, uma política da narrativa que inventa mundos outros possíveis, insurgentes, e reconfigura a escrita acadêmica como um espaçotempo de experimentação, devires e linhas de fuga, onde cada palavra é um gesto de insubmissão frente às normas hegemônicas que tentaram domesticar e silenciar corpos sapatão. Assim, o conto não apenas narra: ele cria, recria, tensiona e celebra – é método e é mundo possível.

Sentindo o vento que movimenta as folhas do cajueiro e todo meu corpo, trago para perto de mim – e convido para dançar agarradinha neste texto – as palavras-corpo de Gloria Anzaldúa (2021), que já me abraçava antes mesmo de eu saber, dizendo: leia-me de pernas abertas, atravessando fronteiras e habitando feridas; de Judith Butler (2003), que me sussurra sobre performatividades que escapam, que falham, que desviam, que desestabilizam; de Paul B. Preciado (2017), que me cutuca, dizendo que o corpo é prótese, é máquina, é resistência, é invenção; de José Esteban Muñoz (2009), que me fala do horizonte queer como utopia concreta, como sonho encarnado que insiste, mesmo quando tudo parece apagar-se.

São estas pessoas que me acompanham nesta travessia metodológica que é também poética, política, estética: uma escrita que não se fecha, que não se limpa, que não se curva, mas que escorre, que treme, que balança, que respira e convida: vem, dança comigo, escreve comigo, inventa comigo outros modos de existir. Essas pessoas inquietas se movimentam comigo nas reflexões dos subcontos que aqui se insinuam e se desdobram pelas frestas abertas da teoria queer, aqui entendida como um convite a balançar as pernas bem soltas em cima do galho mais alto do cajueiro, enquanto se olha, curiosa e rebelde, o horizonte das possibilidades. Em outras palavras, vir-a-ser é ocupar o espaçotempo do ainda-não, do que pode ser, e essa esperança me atravessa como vento quente, como promessa de mundos outros que dançam comigo, que me convocam, que me arrastam.

Olhando para o caderno e vendosentindo as palavras que ali se fazem movimentos mergulhados pela memória dos pés descalços balançando em cima do cajueiro, ousei dizer: “Leia-me de pernas abertas”, relembrando o convite lindo de Gloria Anzaldúa (2021), na madrugada de domingo que me visita e me faz companhia. Leia-me sentindo o latejar

daquilo que escapa às imposições das normas. Leia-me com o corpo aberto, curioso, audacioso, rebelde, corajoso, desejoso, presente e rente. Leia-me como quem aceita um convite gostoso para dançar um forró agarradinho, sabendo que não existe coreografia, pois os corpos que estão entregues à dança e, assim, irão inventar os movimentos e se deixar neles. Leia-me como quem procura questionamentos. Leia-me como quem se abre para uma dancinha, um chameguinho, uma queda, um voo, uma experiência estética. Leia-me de pernas apertadas, soltas ou abertas, mas leiam-me inteira.

Deixe que o texto a atravessasse como o pôr do sol atravessa o rio. Que este texto-conto seja também uma aliança do nosso encontro, uma abertura para tudo o que ainda podemos inventar. Sentei-me debaixo da sombra do cajueiro marcada pelo tempo. O caderno estava aberto, como um abraço que se promete e se deseja. As palavras que eu lia, escrevia e queria escrever estavam lá, ao passo que também não estavam.

Era preciso (re)inventá-las, modelá-las com os dedos sujos de terra, água, vento, memória, desejo e poesia, puxá-las para bem perto de onde o mundo ainda não existia. E assim, com essas palavras, fechei o caderno. Voltei a olhar para a criança que balançava suas pernas em cima do cajueiro vendosentindo o horizonte. Sabia que o que deixava ali, naquele caderno, naquele chão, naquele cajueiro não era apenas meu, mas um convite ao desconhecido, há quem ousasse ler, escrever, pensar, viver, inventar junto comigo.

Olhei para o caderno fechado mais uma vez e imaginei você, leitora. Imaginei sua curiosidade, seu desconforto talvez. Imaginei você ali debaixo do cajueiro dançando forró!

1 Senhor Fugitivo e a Dona Lua Cheia: o que pode o afeto?

Cor(ria)
 Não parava de correr
 Mesmo cansada.
 Pés doendo
 Sangue escorrendo
 Não parava de correr.
 Seu corpo banhado a suor
 Lágrimas eram expostas ao vento.
 Corria, corria,
 corria...
 Não conseguia parar.
 Ninguém estava atrás dela
 Ela era uma fugitiva de si mesma
 Entre areia e árvores,
 O vento a conduzia
 Aos lajeiros, rochas
 Os pés foram desacelerando-se

Sentou-se no lajeiros
Deitou-se!
De olhos fechados
Coração acelerado
Corpo molhado
– lágrimas e suor –
Sentia a vida lhe dando vida
Mãos acariciavam
A rocha-lajeiro
Quando se deu conta
Já estava rindo
Passou o tempo
Levantou-se
E saiu correndo
Cor(ria)
Cor(ria)
Cor(ria).
(Poesia autoral, 2025).

1.1 Abanando as dores

– NÃO ME TOQUE, disse a garota que estava sentada no canto da sala, segurando as pernas, com o rosto banhado em lágrimas e tomada pela dor.

Seu avô, com muita calma e delicadeza, passou a mão esquerda nos cabelos da menina e baixinho falou:

– Estou te esperando na calçada! Levantou-se e saiu em direção ao local que havia mencionado. A menina olhou de canto e o viu saindo em direção à calçada. Levantou-se e o seguiu. Ignorou todas as pessoas que estavam na sala fingindo que nada tinha acontecido.

– O que você quer comigo?

– Senta aqui (apontou para o lado esquerdo de onde estava sentado).

Ela sentou e reproduziu a mesma posição em que estava no canto da sala: abraçando os joelhos e a cabeça baixa. Ele estava com um papelão na mão e suavemente começou a abanar as costas da menina. Nesse momento, ela levantou a cabeça e, com os olhos arregalados, olhou para ele. Era uma noite de lua cheia, a calçada estava iluminada.

– Isso alivia?

– Sim, começou a chorar baixinho de novo.

– Sabia que a lua cheia cura todas as dores?

– Não!

– Ela cura. Ela é uma menina igual a você: cheia de vida.



-
- Ela é estranha? Questionou-o enquanto olhava para a lua.
 - Ela é muito bonita, cheia de vida e tem o poder de curar as dores.
 - Ser estranha é ser bonita, cheia de vida e que cura dores?

Ele não a respondeu. Continuou abanando suas costas marcadas pela fivela do cinto. De repente, falou:

- Não sei o que é estranho, mas sei que você é minha lua cheia.

Ficaram olhando para a lua cheia por um bom tempo: ele a abanando suavemente, e ela sentindo o alívio do vento em sua pele.

– Ele não gosta de mim. Não vou mais chorar. Não vou mais chorar. Nunca mais. Não vou mais chorar.

- Você vai guardar as chuvas do mundo no seu peito. Isso vai te machucar!

Disse isso enquanto abanava as costas marcadas da menina com a mão esquerda, enquanto a outra aflagava seus cabelos. Ela não disse mais nada. Continuaram ali, sob a luz da lua cheia, entre carinhos e silêncio.

....

Se me permite um parêntese, querida leitora, quero transbordar com você que o gesto quase silencioso do avô que se moveu em direção ao afeto e, assim, abanou as costas marcada da menina são, por exemplo, modos outros de conhecimento, uma utopia queer. Lembro-me de José Esteban Muñoz (2009) que o futuro queer é este horizonte inalcançável, como fuga. Dito de uma outra forma, a fuga é essa utopia queer que recusa às normatividades que excluem. Ao abanar as costas da neta, criou-se um gesto de utopia concreta, uma antecipação de um mundo que ainda não existe, mas que se ensaia na delicadeza de um afeto que resiste ao horror da violência.

Ainda hoje ela sente os ecos, as linhas de fugas da frase “Lua Cheia”. O afeto que tinha – e tem – pelo avô é muito mais que lembrança: é criação de si como potência, é resistência viva, mundos outros possíveis. Na relação com seu avô, aprendeu que o gesto afetivo pode ser também insurgente; que no acolhimento silencioso, há uma pedagogia do desvio, uma ética do afeto e do cuidado que alimenta a possibilidade de existir para além das normas que nos domesticam, nos silenciam, nos aniquilam. É nessa tessitura, onde memória, afeto e resistência se enlaçam, que ela segue inventando epistemologia, esse saber que pulsa, que erra, que se arrisca, que ocupa, que é cheia de afeto, na qual se recusa, sempre, a caber nas formas hegemônicas de pensar e ser.

1.2 Cachaça

Todas daquela casa estavam procurando o Senhor Fugitivo. Ela levantou-se do chão – estava deitada no chão debaixo do pé de limão –, passou as mãos pelo corpo

tentando tirar o excesso de areia, saiu correndo, entrou dentro da casa, foi até o quarto e pegou o vestido. Voltou para o limoeiro porque tinha esquecido o chinelo.

Correu em direção à porteira que dava acesso à estrada. Subiu, pulou e continuou correndo até o barzinho que ficava perto da casa onde morava. Avistou o Senhor Fugitivo. Ele estava sentado em um banquinho, tomando cachaça. Ele estava misturando cachaça maranhense com 51. Ela chegou devagarzinho, sentou-se perto dele, tocou seu ombro e disse:

– Senhor Fugitivo, tem gente procurando você. Bora para sua casa? Ele ficou olhando para ela, tentando decifrá-la, e rapidamente falou:

– Você me respeite, garota. Sou seu avô, não Senhor Fugitivo. Ela não resistiu e começou a gargalhar. Todos que estavam no bar ficaram observando o quanto seu sorriso era exagerado.

– Você é o meu Senhor Fugitivo avô.

– Tu está muito engraadinha.

– Apreendi com o Senhor Fugitivo avô. Ele começou a sorrir também. Ficaram ali por alguns minutos sorrindo. Ela se levantou, estendeu a mão e falou:

– Bora para casa, Senhor Fugitivo avô.

– Bora, dona lua cheia.

Ele segurou sua mão, levantou-se e pediu para colocarem as doses na sua conta, dizendo que pagaria depois. Saiu cambaleando e a dona lua cheia continuou na brincadeira:

– Você está dançando, Senhor Fugitivo avô. Ele parou, olhou para ela e começou a gargalhar. Foram para casa, espalhando ventos de sorrisos.

1.3 Reticências

– Ela também é sua filha. Por que não gosta dela? Por que a trata dessa forma? Por que tanto ódio? Ela é apenas uma criança! Nunca te bati, nunca bati em nenhum dos seus irmãos. Por que faz isso com ela? Ela é sua filha!

Perguntas sem resposta do Senhor Fugitivo Avô ao Homem!

...

Querida leitora, fico sentindo o cheiro da cachaça e das resistências em meu corpo. As pausas, os silêncios e as dobras do cotidiano marcam das experiências, e como nos diz Gloria Anzaldúa (2021) é preciso ocupar o entre-lugar da fronteira, da margem, onde a ferida se torna possibilidade de criação. O Senhor Fugitivo, por exemplo, que bebe cachaça maranhense misturada com 51, se esquia, desvia e cria linhas de fugas, além

de ensinar que a reticências, a resposta não dada para a falta de afeto destinada à sua neta, entre no compasso de um gole, de um silêncio partilhado à sombra de um cajueiro, é a corroboração das normas que estruturam quem deve ou não merecer e ser digna de afetividade.

1.4 A corrida cruel

Ela estava brincando sozinha no quintal. As outras irmãs estavam distantes, brincando de restaurante em outro canto. A Dona Lua Cheia tinha se levantado para ir até o pé de limão. Ouviu um grito:

– Corre que vou te pegar e te bater.

Ela ficou sem entender. Pensou se tinha feito alguma coisa de errado. Olhou para ela e quando voltou o olhar o homem estava correndo em sua direção. Ela começou a correr, correr, correr. Ficaram por alguns minutos rodando em torno da casinha do poço. Ela, com o peso do medo em todo seu corpo, enquanto ele dava gargalhadas da situação. Ela começou a chorar, pedindo para ele parar, pedindo para ele parar, pedindo para ele parar. Quanto mais ela chorava e pedia para ele parar, mais ele gargalhava.

– PARA COM ISSO AGORA!

Gritou o Senhor Fugitivo Avô da janela da casa que dava acesso ao quintal. O homem parou, mas continuou sorrindo. A menina continuou correndo e foi se esconder na parte do quintal que dava acesso à janela do quarto do Senhor Fugitivo Avô. Jogou-se no chão, abraçou as pernas e ficou chorando, olhando de um lado para o outro.

...

O corpo em fuga é resistência. Corre não apenas para escapar, querida leitora, mas também para criar-se, continuar viva. Lembro-me das provocações de Preciado (2017) ao afirmar que o corpo é prótese e máquina, porém, no movimento de resistência, é, pois, a própria performance do desvio, do que não cabe nas caixas da cisheteronormatividade. Talvez, assim, entre corridas, podemos sentir que performar não apenas reitera repetições, mas pode ser espaçotempo de reinventar, desencontrar, desfazer de si... possibilidade de falhar e desestabilizar (Butler, 2003). Corre-se não somente para escapar, mas para afirmar a insubmissão, criação de si.

1.5 Rio

Entra – falou ele, estendendo a mão para a Dona Lua Cheia tivesse coragem de entrar no rio.

– Não. Tenho medo... e se eu afundar?

– Não vai. Estou aqui.

Ela desceu a ribanceira devagarzinho, colocou o pé esquerdo na água, depois o direito. Segurou a mão do Senhor Fugitivo Avô. O balançar calmo da água do rio chegou até suas coxas.

- O que é para eu fazer?
- Sinta a água e veja o sol dando lugar para a noite.
- Devo fechar os olhos?
- Só se você quiser.

De olhos fechados, ela sentia a água fria do rio.

- A água está fria.
- É para acordar o corpo.

Ficaram de olhos fechados por alguns minutos e, depois, olharam para o horizonte, vendo sentido o sol ir embora.

...

O corpo que se molha, que se oferece à água é aquele que inventa saberes outros, que se deixa contaminar pelas forças da natureza, que se deixa em si. Fugas criadas pelo rio que se encanta pela afetividade de dois corpos intergeracionais. Sim, Gloria Anzaldúa (2021), é na travessia das fronteiras que construímos outras possibilidades de pensar, ser, sentir, saber, fazer e transformar. O corpo, que aqui é rio, se torna fronteira e passagem, memória e criação.

1.6 Morte

– Por que você foi embora? Por que morreu? Por que me deixou? Você não podia ter morrido, não podia. Eu só tinha você, só você. E agora, quem vai me chamar de Dona Lua Cheia? Quem vai me proteger do homem? Quem vai me proteger dessas pessoas que me chamam de estranha? Lembra, você me prometeu que iria comigo no riacho? Nunca mais confio em você. A gente ainda tinha que entrar no rio para ver o sol dando espaço para a noite. Você descumpriu as promessas que me fez. Eu te odeio, eu te odeio, eu te odeio. Você não podia morrer, você não podia morrer, você não podia morrer. A gente ainda tinha tempo para beber cachaça juntos. Eu gosto do seu sorriso. Gosto do jeito que passa a mão nos meus cabelos. Gosto do jeito que cuida da terra. Você gostava de mim. Agora não tenho mais ninguém que goste de mim. Você não poderia ter morrido. Você nem se despediu. Meu coração está doendo... Ela gritava para o vento sentada no lajeiro segurando as pernas e chorando entre os soluços. Era como se o coração de uma criança saísse pela boca!

...

Uma pausa em forma de pergunta, querida leitora: como o lamento da Dona Lua Cheia revela a dimensão simbólica da perda, transformando a morte não apenas em ausência física, mas em ruptura com o próprio sentido de identidade e proteção?

2 Dos deslocamentos queer à epistemologia sapatão

A teoria queer que neste texto aqui se desloca para mergulhar, ao passo que dá espaçotempo para outras criações, é um convite para ocupar o entre-lugar (Anzaldúa, 2021), abrindo fendas e, assim, na margem, atravessar fronteiras com os pés sujos de terra e o corpo molhado de desejo. Ela se movimento pela desordem para fazer mover e criar pontes para outros movimentos, outros devires, outras existências.

Assim, os subcontos criam acontecimentos experienciais em que a teoria queer muito presente para se pensar, neste caso, a infância estranha, vai se deslocando e agora, no presente, criam outros movimentos em direção a uma epistemologia sapatão. Ou seja, um modo outro de saber, de escrever, de pesquisar e de vasculhar as memórias que tanto atravessam nossos corpos dissidentes, sem temer a errância, os desvaneios. Muñoz (2009), por exemplo, me instiga a pensar que ser queer é viver na potência do ainda-não. E esse “ainda-não” que os contos forjam: não é concluída, estática, purificada. Ela deseja, falha, tem medo e segue.

Não é à toa que Judith Butler (2003) me convoca a reconhecer que as normas de gênero e sexualidade, a exemplo, são performances reiteradas, mas também sujeitas a falhas, a repetições, a rearticulações, reatualizações... são frágeis e falhas. Na falha me lanço, como quem dança um forró agarradinho sem coreografia prévia, para versentir o corpo se entregando à experiência. Afinal, como você bem disse, Paul B. Preciado (2017), o corpo é máquina, mas também é insubmissão e invenção.

Retomar essa invenção para criar resistências e mundos possíveis não nos ausenta de sairmos feridas. No entanto, essa invenção acontece nesse enlaçamento entre dor e desejo, alegria e ferida. E é assim que o Senhor Fugitivo e a Dona Lua Cheia se moveram: vem, dança comigo, inventa comigo. Um chamamento que me faz pensar a teoria queer e os seus deslocamentos para outros movimentos, como uma fresta que abre, que convida e que cria. Quem sabe, a epistemologia sapatão que ando inventando cotidianamente seja uma prática contínua de resistência, uma aposta política, epistêmica, social, estética, erótica e poética na possibilidade de existir de outros modos, de outros jeitos, de outras formas.

Entretanto, é preciso reconhecer que a teoria queer, com toda sua potência disruptiva, ainda tropeça quando tenta alcançar as especificidades de certos corpos que, ao longo da vida, foram nomeados – ou mais ainda, marcados – como estranhos. A criança

estranha, por exemplo, não era apenas uma infância fora da norma: era uma criança sapatão, uma dissidência tão precoce quanto silenciada, tão evidente quanto indizível.

Por isso, afirmar uma epistemologia sapatão não é apenas um deslocamento, mas um rompimento. Não é apenas continuidade da teoria queer, mas uma fratura que irrompe para criar outras bases, outros fundamentos, outros corpos de saber. A invenção de uma epistemologia poéticaerótica sapatão feminista é um movimento de ruptura, mas também um impulso: uma força criadora que, ao partir do corpo marcado, quer ampliar o horizonte de outros movimentos, de outras infâncias, de outras fugas, de outras epistemologias por vir.

3 Queerizar: escrever como fuga, como resistência, como afeto

Chego às considerações finais como quem, sentada na sombra do cajueiro, fecha o caderno apenas por um instante, sabendo que a escrita continua, que o rio segue correndo, que o vento ainda sopra, que o desejo continua pulsando, que a memória é travessia, que a experiência é ponte de produção de saberes outros. O que aqui se apresenta é uma travessia inacabada, um convite ao vir-a-ser. Talvez, seja mais um suspiro de quem reconhece que inventar uma epistemologia poéticaerótica sapatão feminista é, antes de tudo, um exercício cotidiano de resistência, de ocupação, de articulação política.

A teoria queer, com suas linhas de fuga e suas recusas às normatividades, me ensinou a ocupar a errância como lugar legítimo de produção de saber. Gloria Anzaldúa, José Esteban Muñoz, Judith Butler e Paul B. Preciado me acompanharam e me acompanham nesta dança insurgente que é também política, estética, erótica, afetiva, epistêmica e social. Com elas e com elas aprendi que a escrita pode ser performativa, que o desejo é criativo, que a resistência é encarnada.

Assim, apenas interrompo reafirmando que a epistemologia que aqui invento é travessia, é desvio, é abano suave nas costas marcadas, é corrida desesperada pela vida, é cachaça sorvida à beira da estrada, é silêncio e é grito, é poesia que nunca se exaure, é saudade do Senhor Fugitivo. E é, sobretudo, que os pensamentos da teoria queer, com sua beleza e seus limites, seja a última palavra sobre nossos corpos. Porque, se queerizou-se a infância, ainda falta nomear aquilo que queer não dá conta: a especificidade de uma criança sapatão, que não cabia nem na linguagem da norma, nem no campo aberto da teoria queer.

Por isso, a escrita que agora entrego rasura, transborda, explode o contorno, promove deslocamentos na teoria queer, para insistir na necessidade política, epistêmica, estética e ética de afirmar: era uma criança estranha, sim, mas, sobretudo, uma criança sapatão. E isso importa! Importa porque, ao nomear, reivindico: existimos, resistimos, criamos.

E, mais ainda, ao nomear, rasgo a promessa silenciosa de que um dia alguém como eu – ou quem sabe eu mesma – poderia crescer sem nunca ter sido lida apenas como estranha, mas como potência, como diferença viva, como insurgência sapatão que dança agarrada à beira do rio, abrindo mundos outros para quem, como eu, nunca coube.

O que fica, então, é o convite: venha, invente comigo, ouse comigo, dance comigo outros mundos possíveis. Leia-me inteira, de pernas abertas, trêmulas, desejosas, corajosas. Leia-me como quem atravessa o rio ao pôr do sol: sabendo que do outro lado há sempre mais mundo, mais corpo, mais desejo, mais vida.

Referências

ANZÁLDUÁ, Gloria. *A vulva é uma ferida aberta & outros ensaios*. Tradução de Tatiana Nascimento. Rio de Janeiro: Á Bolha Editora, 2021.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka: por uma literatura menor*. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

DOUBROVSKY, Serge. O último eu. In: NORONHÁ, Jovita Maria Gerheim (org.). *Ensaaios sobre a autoficção*. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

MUÑOZ, José Esteban. *Cruising utopia: The then and there of queer futurity*. New York: New York University Press, 2009.

PRECIADO, Paul B. *Manifesto contrassexual*. Tradução de Francisco Godinho. Lisboa: Sistema Solar, 2017.

Vol. 02, **Nº 04** (2025)
ISSN: 2966-0130

REVISTA FIOS DE LETRAS



editora
UEA



UEA
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DO
AMAZONAS

